

XIII



**SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
MICROBIOLOGIA
APLICADA**

ANAIS

PORTO ALEGRE, 25 A 27 DE MARÇO DE 2021

XIII



**SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
MICROBIOLOGIA
APLICADA**

Editado por

Andreza Francisco Martins

Amanda de Souza da Motta

Patricia Valente da Silva

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PORTO ALEGRE, 25 A 27 DE MARÇO DE 2021**

Anais

XIII

**Simpósio Brasileiro de
Microbiologia Aplicada**

25 a 27 de março de 2021, Porto Alegre, Brasil

ISSN 2237-1672

Porto Alegre, Brasil

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

2021

Hanseníase no Rio Grande do Sul: perfil epidemiológico de uma região com baixa endemicidade no Brasil no período de 2000 até 2019

Paulo Cezar de Moraes^{1,3}, Letícia Maria Eidt¹, Maria Lúcia Scrofeneker^{2,3}

(mpchansen@hotmail.com; leidt@bol.com.br; scrofern@ufrgs.br)

1 – Ambulatório de Dermatologia Sanitária de Porto Alegre-Secretaria Estadual de Saúde do Rio Grande do Sul;

2 – Departamento de Microbiologia, Imunologia e Parasitologia do Instituto de Ciências Básicas da Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Sul;

3 – Programa de Pós-graduação em Medicina: Ciências Médicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A hanseníase é uma doença infectocontagiosa causada por uma micobateria do gênero *Mycobacterium*. O modo de transmissão mais provável é pelas vias aéreas de pacientes multibacilares não tratados. No passado, a hanseníase era disseminada pelo mundo, na atualidade existem poucos casos relatados em países desenvolvidos. No ano de 2019 ocorreram 202.185 casos novos de hanseníase. A Índia foi a principal responsável por mais de 70% desses casos, o Brasil contribuiu com 14% e a Indonésia com 9%, juntos esses países foram responsáveis por aproximadamente 93% dos números de casos totais no mundo em 2019. O Brasil Apresenta uma heterogeneidade em suas regiões quanto ao número de casos registrados ao ano. As regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste se apresentam como regiões hiperendêmicas havendo cidades com 129, 38 casos/100 mil habitantes, chegando ao limite de 226,99 casos/100 mil habitantes na cidade de Palmas. As regiões Sudeste e Sul se classificam como regiões de baixa endemicidade oscilando entre 1 e 2 casos/100 mil habitantes. Este trabalho trata-se de um estudo retrospectivo realizado em base de dados do Sistema Nacional de Informações de Agravos de Notificações armazenados no Centro Estadual de Vigilância em Saúde do RGS no período dos anos 2000 a 2019, sendo agrupados por dados sociodemográficos e epidemiológicos. Nesse período foram registrados 4233 casos novos, a detecção geral média foi de 1,8 casos/100.000 habitantes/ano, o sexo masculino predominou (51,9%), 73% eram de raça branca, a idade predominante foi de 50 a 64 anos (36,4%) e 79% residiam em área urbana. Aproximadamente 78,5% das amostras eram de casos multibacilares com o predomínio da forma clínica dimorfa (33%) e no geral 43% apresentaram grau I (29,8%) ou grau II (13,8%) de incapacidade física no diagnóstico. Mesmo em regiões de baixa endemia é necessário conhecer o perfil epidemiológico da doença. Esse estudo nos permitiu observar a doença entre as pessoas em idade economicamente ativas, a urbanização da doença, o diagnóstico tardio como consequência o maior número de pessoas com grau de incapacidades físicas já instaladas no diagnóstico e a forma clínica dimorfa como a mais frequente que sugere possibilidade de surtos reacionais ao longo do tratamento e após. Diante disso o perfil epidemiológico possibilita planejar ações e investimentos públicos focados as necessidades regionais.

Palavras-chave: Hanseníase; Saúde Pública; Epidemiologia; *Mycobacterium leprae*.